



Liana Verdini  
Da equipe do **Correio**

O início das aulas na rede pública de ensino do Distrito Federal está angustiando um grande número de pais em Brasília e nas cidades do Entorno. Não apenas pelo custo do material escolar, mais caro este ano do que no ano passado. Nem pela preocupação com o trânsito, normalmente mais lento nos horários de entrada e saída de alunos dos colégios. A principal fonte de ansiedade de quem tem filho em idade escolar é o uniforme, difícil de encontrar na Casa do Colegial, vencedora da licitação para produzir com exclusividade o vestuário dos alunos.

A produção não tem conseguido atender à procura nas quatro lojas no Plano Piloto e na de Taguatinga, especialmente nos últimos dias, quando os pais correram em massa para comprar o vestuário dos filhos. "Há mais de 12 anos compro o uniforme de meus filhos na Colegial e todo ano é a mesma coisa: falta, não tem o tamanho que se procura. É um transtorno", disse, revoltada, a

funcionária pública Ângela Batista.

Só ontem, era a segunda vez que ela procurava roupa para sua filha de 11 anos na Casa do Colegial da 509 Sul. Mas desde o final do ano passado, Ângela procura o uniforme e não consegue achar para comprar. "Os funcionários me garantiram que a partir das três horas (da tarde) eu encontraria o que procurava. Mas são quatro horas e continua faltando. Isso é uma falta de respeito. Esse monopólio tem que acabar."

As reclamações dos pais são ouvidas com paciência pela gerente da loja, Maria Goreti Teixeira Cavalcanti. "A procura tem sido muito grande e sempre falta alguma numeração", admite. Para ela, o problema foi criado pela decisão do governo de mudar os uniformes de todas as escolas públicas neste ano. Com isso, até alunos que poderiam reaproveitar a roupa do ano passado foram obrigados a procurar o novo modelo para comprar.

#### MUDANÇA DE COR

Até o ano passado, as escolas da rede pública adotavam o branco, o

cinza e o azul nas blusas dos uniformes. Neste ano, todas as blusas são cinza e com o nome da escola na frente. A argumentação para a mudança apresentada pela Secretaria de Educação em reunião com a direção do Sindicato do Vestuário do DF e com várias indústrias foi que a medida facilita a identificação da escola a que o aluno pertence.

"Os pais não precisam se preocupar, porque o uniforme completo só costuma ser exigido a partir da segunda quinzena de março", lembra Goreti. A confecção da Casa do Colegial está trabalhando em regime especial desde 15 de novembro. Foram contratados 22 funcionários, além dos 40 fixos, implantado o sistema de horas extras e incorporadas dez facionistas (pequenas confecções que prestam serviço a lojas e indústrias) para atender à procura por uniformes neste ano. Esse esquema será mantido até pelo menos a segunda quinzena de março, quando a procura deverá ser normalizada.

"Estamos nos esforçando. Ninguém vai ficar sem uniforme", garante a gerente. Mas é uma despesa extra que os pais são obrigados a ter num ano de recessão e desemprego. Para os tamanhos de 4 a 12 anos, que concentra 80% da produção e da procura, a blusa custa R\$ 8, a bermuda sai por R\$ 10, mesmo preço do short-saia e a calça está sendo negociada por R\$ 18,10.

Nem todos os pais reclamam com veemência. Cláudia Bezerra, comerciante no Cruzeiro, se conforma na fila para comprar uniformes para as duas filhas, uma de 4 e outra de 6 anos. "Já estou sabendo que não vou encontrar a roupa para a menor. A funcionária no balcão disse que não tem. Se o uniforme não tivesse mudado, poderia aproveitar a roupa da mais velha para a mais nova", disse resignada. "Quando chegar em casa vai ser uma briga, porque uma terá uniforme e a outra não. Já sei que terei de voltar mais vezes até encontrar a roupa para a de 4 anos. É uma luta."

*Mães correm à Casa do Colegial, mas muitas têm de esperar mais 15 dias*